TRADUÇÃO *QUEER* OU O USO DE LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA NA LEGENDAGEM E DUBLAGEM DA SÉRIE *HEARTSTOPPER*

QUEER TRANSLATION OR THE USE OF NON-BINARY LANGUAGE IN SUBTITLED AND DUBBED VERSIONS OF *HEARTSTOPPER*

RESUMO

Ao desestabilizar binarismos e dar visibilidade a identidades dissidentes, a tradução *queer* (Lewis, 2010; Baer e Kaindl, 2017; Baer, 2021; Larkosh, 2022) questiona normas linguísticas, sociais e tradutórias. Uma forma de identificar se existe uma ruptura efetiva com as referidas normas é através da análise da linguagem usada na tradução. Por exemplo, se a linguagem não-binária presente em um texto audiovisual for traduzida única e exclusivamente por meio de linguagem pertencente à norma padrão do português brasileiro, em princípio, tal tradução não poderá ser considerada *queer*. Neste sentido, o presente trabalho busca entender se a tradução para dublagem e legendagem da série *Heartstopper* da Netflix pode (ou não) ser considerada uma tradução *queer*. Partimos do pressuposto que, se as traduções recorrerem a uma linguagem não-binária ou a uma linguagem inclusiva, então estão desestabilizando a matriz cisheteronormativa e serão traduções *queer*. Com base em um pequeno corpus de cinco cenas da série, observamos as oportunidades de resistência à norma padrão com as quais as pessoas tradutoras da Netflix se depararam e concluímos que na sua esmagadora maioria existe um esforço para manter as referências às identidades queer através do recurso à linguagem não-binária e sobretudo à linguagem inclusiva. As nossas descobertas mostram ainda que, por um lado, há espaço para um uso mais frequente de estratégias de tradução *queer*. Por outro lado, corroboram a ideia de Martinez (2024) segundo a qual as orientações dos serviços de *streaming,* como a Netflix, representam atualmente as normas progressistas da tradução audiovisual.

Palavras-chave: *Heartstopper*. Legendagem. Dublagem. Tradução *queer*. Linguagem não-binária.

ABSTRACT

By destabilizing binary structures and giving visibility to dissenting identities, queer translation (Lewis, 2010; Baer and Kaindl, 2017; Baer, 2021; Larkosh, 2022) challenges linguistic, social, and translational norms. One way to identify whether there is an effective break with these norms is by analyzing the language used in translations.

Thayna Pinheiro Ferreira
Mestre e Doutoranda em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIPGLA-UFRJ). Orcid: https://orcid.org/0009-0007-8252-5060. Email: thayna@letras.ufrj.br
Janine Pimentel
Professora Adjunta da ESECS, Politécnico de Leiria, e docente colaboradora do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIPGLA-UFRJ). Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6576-9898. E-mail: janine.pimentel@ipleiria.pt

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 254-274

For example, if the non-binary language present in an audiovisual text is translated solely through language belonging to the standard norm of Brazilian Portuguese, in principle, such a translation cannot be considered queer. This paper seeks to understand whether the dubbing and subtitling translation of the Netflix series *Heartstopper* can (or cannot) be considered a queer translation. We start from the assumption that if the translations resort to non-binary or inclusive language, they are destabilizing the cis-heteronormative framework and will, therefore, be queer translations. Based on a small corpus of five scenes from the series, we examine the opportunities for resistance to the standard norm that the translators at Netflix encountered and conclude that, in the overwhelming majority, there is an effort to maintain references to queer identities through the use of non-binary language and, above all, through the use of inclusive language. Our findings show, on the one hand, that there is room for more frequent use of queer translation strategies. On the other hand, they support Martinez's (2024) idea that the guidelines of streaming services, like Netflix, currently represent the progressive norms of audiovisual translation.

Keywords: *Heartstopper*. Subtitiling. Dubbing. Queer translation. Non-binary Language.

Introdução

A linguagem não-binária tem como principal objetivo romper com os binarismos de gênero de forma a promover mudanças sociais que contribuam para uma maior igualdade entre pessoas (Lau, 2017; Papadimoulis, 2018). No entanto, segundo Lau (2017), esse movimento vem acontecendo a passos tímidos no Brasil e tem encontrado consideráveis resistências de certos grupos na sociedade, como podemos perceber em manchetes recentes sobre projetos de lei que tentam banir o uso de linguagem neutra[1], em comentários e publicações em redes sociais sobre o tema, entre outros.

Antes da discussão sobre o uso da linguagem não-binária para dar visibilidade a pessoas não-binárias[2], tradutores e acadêmicos dos Estudos da Tradução já buscavam soluções para traduzir de línguas com pouca marcação de gênero (por exemplo, o inglês), para línguas muito marcadas (por exemplo, o português). Além disso, alguns países de língua inglesa têm aderido ao uso dos pronomes "they/them" como alternativa não-binária e a tradução dessas formas linguísticas, em línguas com muita marcação de gênero, é um fenômeno ainda pouco estudado. Portanto, quando pensamos em tradução de linguagem não-binária é necessário considerar os seguintes cenários: i) a tradução de linguagem que é a partida não-binária poderá (ou não) ter o cuidado de preservar essa linguagem; ii) a tradução não-binária da linguagem binária normalmente

1 "Linguagem neutra: barrada pelo STF, lei que proíbe o uso existe em 3 estados e 2 capitais." Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/02/13/linguagem-neutra-barrada-pelo-stf-lei-que-proibe-o-uso-de-linguagem-neutra-existe-em-3-estados-e-2-capitais.ghtml> Acesso em: 23 jul. 2023.

2 Utilizamos aqui "pessoas não-binárias" como um termo guarda-chuva para todes aqueles que não se enquadram no binarismo de gênero feminino/masculino, sejam pessoas agêneres, gênero fluído, genderqueer e etc.

corresponde a um tipo de tradução engajada e ativista que procura romper com os binarismos de gênero e visibilizar identidades LGBTQIAPN+ e; iii) a não tradução da linguagem não-binária, de forma consciente ou não, contribui para manter o status quo da matriz cisheteronormativa. Uma área dos Estudos de Tradução que tem vindo a dedicar-se, entre outras, a estas questões é a área da Tradução *Queer* (ver Lewis, 2010; Baer e Kaindl, 2017; Baer, 2021 e Larkosh, 2022). A Tradução *Queer* é uma prática discursiva que questiona as normas tradicionais de tradução e visa desestabilizar binarismos e visibilizar identidades dissidentes através de novas práticas ativistas. Por exemplo, acadêmicos dessa área têm se interessado pela análise do socioleto *queer*, que é o conjunto de gírias, expressões, aspectos fonéticos e comportamentais referentes ao discurso utilizado pela comunidade LGBTQIAPN+ (como em Lewis, 2010; Pinheiro, 2021 e Pires 2022).

Tomando como exemplo a observação do uso de linguagem binária e não-binária em *Heartstopper,* série original do serviço de *streaming* Netflix, este artigo busca analisar as estratégias de tradução que foram utilizadas nos três cenários que acabamos de descrever. *Heartstopper* é uma adaptação de um quadrinho de mesmo nome que acompanha o personagem principal, Charlie Spring, um adolescente gay britânico, e as pessoas que compõem o círculo social dele. A série conta com personagens bissexuais, lésbicas, transexuais, assexuais e pessoas não-binárias. De acordo com Lyn (2022), o diretor, existe nesta série uma grande preocupação em envolver pessoas da comunidade *queer* em todo o processo de produção. O seriado, que estreou em 2022 e já vai para a terceira temporada, foi bem acolhido não só pela crítica, mas também pelo público, incluindo em países onde relações homoafetivas são proibidas, tais como o Líbano, a Arábia Saudita e o Sri Lanka.

A pergunta que orientará a nossa pesquisa é, então, a seguinte: será que as legendas e a dublagem de *Heartstopper*, produzidas pela Netflix, podem ser consideradas traduções *queer* porque rompem com a matriz cisheteronormativa da norma padrão do português brasileiro através do recurso sistemático da linguagem não-binária? Neste artigo, iniciamos com uma reflexão sobre as particularidades da tradução audiovisual, suas normas (guias de estilo) e sobre a aplicação de uma perspectiva de tradução *queer*. Em seguida, trazemos um breve panorama sobre os diferentes sistemas de linguagem que rompem com a matriz cisheteronormativa da norma padrão do português brasileiro. Para responder à nossa pergunta de pesquisa, partiremos da análise da tradução da linguagem não-binária presente em cinco cenas das três temporadas de *Heartstopper*. Apesar da pesquisa ainda se encontrar em um estado inicial, pois é nosso desejo ampliar futuramente o *corpus* de análise, o artigo termina com uma tentativa de resposta à pergunta que guiou este trabalho e com uma pequena discussão sobre as nossas descobertas.

Tradução audiovisual, normas de tradução e tradução *queer*

Além do desafio de traduzir de uma língua menos marcada para outra generificada, a tradução audiovisual, objeto de estudo da presente pesquisa, tem por si só algumas especificidades. De acordo com Pérez-González (2009), a tradução para legendagem tende a usar estratégias de omissão, condensação e adaptação devido à restrição no número de caracteres permitido. Por conseguinte, na transferência do discurso falado para o escrito há uma perda do conteúdo linguístico bem como uma padronização cultural e linguística. Apesar da dublagem substituir completamente o texto fonte pelo texto traduzido sem a transposição do meio oral para o escrito, Pérez-González (2009) aponta que ela também tende a neutralizar referências culturais. Pensando nas identidades LGBTQIAPN+ expressas através da linguagem em *Heartstopper,* é válido formular a hipótese de que essas poderão ser invisibilizadas no processo de tradução audiovisual (TAV) por conta das características inerentes a essa forma de tradução, que promove omissões e supressões. Além disso, Lewis (2010) já mostrou como elementos *queer* são frequentemente censurados e apagados em traduções audiovisuais que seguem perspectivas cis-heteronormativas em busca de fluência ou por falta de uma leitura cuidadosa da pessoa tradutora.

Em contraponto a tal padronização observada por Pérez-González (2009) na tradução audiovisual, pode-se buscar uma perspectiva de tradução "resistente", à semelhança do que propõe Venuti ([1995] 2008, p. 24): "tal estratégia de tradução pode ser chamada de *resistência*, não apenas por evitar a fluência, mas por desafiar a cultura da língua alvo (grifo do autor)"[3]. No caso da tradução *queer*, a ação de desafiar a cultura da língua alvo consiste em dar voz às identidades LGBTQIAPN+ através de uma linguagem que foge à norma padrão, ou seja, que não busca a primazia da fluência. Como advogam Pinheiro (2021) e Lewis (2010), trata-se de uma tradução resistente que dá voz às identidades *queer*, que não se submete à hegemonia cisheteronormativa e que confronta o aspecto binário da língua portuguesa. Essa proposta assemelha-se bastante ao conceito de "legendagem abusiva" sugerido por Nornes (1999, p. 464), uma abordagem de tradução que "não apresenta o estrangeiro desvinculado de sua alteridade, mas busca traduzir a partir do lugar do outro por meio de uma abordagem inventiva do uso da linguagem e de uma disposição para flexibilizar as regras, tanto linguísticas quanto cinematográficas"[4]. A Tradução *Queer* busca representar identidades LGBTQIAPN+ a partir da comunidade e sem desvinculá-las de sua alteridade, para isso, pode ser necessário recorrer a estratégias criativas que desobedecem a regras em vigor. Nornes (1999) aplica este conceito apenas à legendagem que, para ele, precisa recorrer a estratégias abusivas por conta das restrições inerentes à mudança do meio oral para o escrito. Mas a tradução resistente que observaremos aqui também se dá através da dublagem.

3 "Such a translation strategy can best be called resistancy, not merely because it avoids fluency, but because it challenges the target-language culture."

4 Todas as citações de textos em língua estrangeira devem vir acompanhadas do texto fonte em notas de pé de página, entre aspas.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 254-274

Como sabemos, apesar da tradução ser uma atividade que apresenta imensa variabilidade, ela é regida por normas. Essas normas são ideais socioculturalmente determinados que ditam o que é apropriado ou não e, portanto, a não aderência às normas vigentes pode levar a sanções para quem traduz (Toury, [1984] 2012). Embora seja possível a pessoa tradutora opor-se à ideologia vigente, existe um fator de controle externo que influencia as condições de produção e consumo das traduções designado por Lefevere ([1992] 2017, p.11) como "patronagem". Uma vez que profissionais aceitam as condições de um patrocinador, é necessário segui-las. Dessa forma, a realização de uma tradução resistente à matriz cisheteronormativa pode ser um desafio para profissionais que precisam se enquadrar em um conjunto de normas. No caso de séries distribuídas por serviços de *streaming*, a patronagem se aplica através da observância das regras delimitadas através dos guias de estilo, discutidos mais detalhadamente a seguir, pois a não aderência a essas determinações geralmente traz consequências para profissionais, como não serem considerados para futuros trabalhos.

Também é importante considerar a ideia de Toury ([1984] 2012), segundo a qual há um conjunto de normas centrais, resquícios de normas anteriores que ainda são aplicadas e indícios de normas de vanguarda, que podem vir a se tornar centrais. Martinez (2024) traça um paralelo entre esses três conjuntos e as práticas de TAV vigentes na atualidade. As diretrizes mais antiquadas da TV aberta seriam as normas anteriores, as instruções determinadas pelos canais a cabo estão no centro e as orientações dos serviços de *streaming* representam as normas progressistas. Na nossa pesquisa, tomaremos como base os guias de estilo da Netflix para legendagem e tradução para dublagem, porque o *corpus* desta pesquisa é composto por cenas de uma série desta plataforma e porque, de acordo com Campos (2022), a Netflix atualmente é a grande patrocinadora da TAV e suas normas são seguidas por outras plataformas de *streaming*.

Como salientado por Martinez (2024), o guia de estilo para legendagem "Brazilian Portuguese Timed Text Style Guide" não traz nenhuma orientação sobre como se deve abordar a prática tradutória. Há uma breve introdução que explica: "essa seção se refere a legendas em português brasileiro criadas para conteúdos que não foram produzidos em português brasileiro (isto é, legendas interlinguais)" (Netflix, 2024)[5]. Outras instruções importantes encontram-se no item 1.19 do mesmo guia, que ressalta a importância de não censurar os diálogos, e no item 1.20., que instrui profissionais a seguirem rigorosamente os guias de "linguagem inclusiva e sensível", "linguagem não-binária e neutra" e "trailers apropriados para a sala de estar". No entanto, esses materiais não estão disponíveis para acesso público, diferentemente dos outros guias de estilo.

No que diz respeito à tradução para dublagem, há dois materiais normativos disponíveis: "Diretrizes Criativas de Dublagem – Brasil SINCRONIA LABIAL PARA LIVE-ACTION" (Netflix, s.d.) e "Princípios Orientadores de Excelência Criativa em Dublagem Brasil" (Netflix, s.d.). Ambos orientam que não haja censura dos conteúdos

5 "This section applies to Brazilian Portuguese subtitles created for non-Brazilian Portuguese language content (i.e. interlingual subtitles)."

e ressaltam a importância da diversidade, inclusão e representatividade. O primeiro guia de estilo direciona profissionais a dois materiais complementares, que também não estão disponíveis publicamente: "Guia de Linguagem Não-binária em Português do Brasil" e "Guia de Linguagem Inclusiva e Sensível em Português do Brasil".

Como não é possível acessar as diretrizes específicas sobre o uso de linguagem não-binária, não podemos dizer quais estratégias adotadas na tradução (e que serão observadas mais adiante) são escolhas pessoais da pessoa tradutora e quais são determinadas pela patrocinadora. No entanto, apesar da existência de normas, acreditamos que profissionais de tradução ainda têm autonomia e, por isso, é possível inferir que parte dessas escolhas são de responsabilidade de quem traduz. É importante reconhecer o papel de profissionais neste processo porque o apagamento de referências a identidades e culturas *queer*, mesmo que por desconhecimento, também representa um posicionamento ideológico. Como no questionamento trazido por Castro (2017, p. 242), "se [a ideologia] não é explícita, significa que é inconsciente (logo, dominante)? Com base em que deve se constituir a ética da tradução?". Portanto, se o nosso objetivo consiste em contribuir para o desenvolvimento e surgimento de mais traduções *queer*, é válido querermos analisar a linguagem de obras com representatividade LGBTQIAPN+ para observar em que situações essas identidades são invisibilizadas e propor estratégias de resistência *a posteriori*. Esta é, no entanto, uma abordagem de pesquisa ainda relativamente pouco explorada (von Flotow; Josephy-Hernández, 2019).

Com vistas à aplicação prática dessa resistência à linguagem cisheteronormativa, Lewis (2010) propõe que as técnicas de tradução feminista descritas por von Flotow (1991), para combater a linguagem patriarcal e dar espaço para linguagem feminista, sejam aplicadas à tradução *queer*. Essas práticas incluem: o uso de notas de rodapé e prefácios; sequestro (*hijacking*), quando quem traduz se apropria do texto para realizar intervenções políticas consideráveis; e suplemento, quando se busca compensar as diferenças entre as línguas, enriquecendo a tradução com intervenções que acrescentam algo (von Flotow, 1991).

No que diz respeito especificamente a identidades não-binárias, a resistência se aplica através da adoção de uma perspectiva linguística progressista que faz uso da linguagem não-binária. Por exemplo, ao traduzir um texto que se refere a pessoas não-binárias, um possível caminho é utilizar palavras que não têm marcação de gênero na língua de chegada ou usar termos genéricos, como a palavra "pessoa". Ainda que essa abordagem não apague as identidades não-binárias, ela continua buscando fluência e não confronta o sistema linguístico extremamente generificado do português brasileiro. Portanto, uma estratégia de maior resistência consistiria no emprego de suplementos. Von Flotow (1991) descreve a estratégia da suplementação como uma intervenção, consciente e política, da pessoa tradutora para salientar e criticar elementos da língua e cultura alvo. Tais intervenções, como apontam von Flotow (1991) e Castro (2017), serviriam, entre outros, para lidar com questões relacionadas ao gênero gramatical.

Recentemente, em seu estudo sobre a tradução de mangás com personagens não-binários, Pinheiro (2021) pôde observar exemplos de suplementos quando se

verifica o uso de linguagem não-binária: o uso de palavras como "todes", na tradução espanhola, e do pronome não-binário "xier", na tradução alemã. Além disso, a edição espanhola sinaliza, em uma breve nota de rodapé, que a linguagem inclusiva é utilizada sempre que possível e, quando necessário, a terminação *-e* como forma de respeitar o desejo da autora em manter a não marcação de gênero; já a edição alemã dedica uma página inteira às estratégias de tradução adotadas e inclui até uma entrevista com a tradutora. De acordo com a autora, pode-se considerar o uso de linguagem não-binária em traduções para línguas generificadas como uma estratégia de suplementação. Mas, como veremos, há mais do que um caminho possível quando se trata de fazer resistência à norma padrão para dar visibilidade a identidades não-binárias.

Norma padrão, linguagem inclusiva e linguagem não-binária

A resistência ao uso de linguagem não-binária é frequentemente justificada pelo fato de determinados usos linguísticos não estarem previstos na norma padrão do português brasileiro. Porém, o que acontece é que esse estranhamento deriva de uma perspectiva imóvel da língua que é incapaz de compreender os fenômenos linguísticos como resultantes do contato entre as pessoas e da ressignificação das nossas performances cotidianas. É aqui que um olhar teórico baseado nas teorias *queer* nos permite desessencializar a linguagem e dar conta das novas práticas e significados que surgem (Moita Lopes, 2022). As teorias *queer* abordam a linguagem não-binária como uma maneira de desafiar a cisheteronormatividade. Nesse contexto, a linguagem é entendida não apenas como um meio de comunicação, mas também como um sistema que reproduz e mantém hierarquias no poder (de Tílio; Vieira, 2021).

Quando a linguagem não-binária foi introduzida pela primeira vez, foram sugeridos o uso do "x" ou do "@", como em "elxs" e "el@s" ou "todxs" e "tod@s". Moita Lopes (2013), por exemplo, utiliza o "@" como uma ferramenta na busca da equidade de gênero, pois foge do plural neutro masculino característico do português e sinaliza a possibilidade de ser tanto masculino ou feminino. No entanto, essa opção não é mais considerada viável para a linguagem não-binária pois, como afirma Lau (2017), o objetivo é romper com o binarismo tanto na escrita quanto na fala e o "x" e o "@" são impronunciáveis. Ao sinalizar a ausência da marcação de gênero na palavra, o "x" e o "@" acabam possibilitando a escolha de ler-se, por exemplo, "todos e todas". Desta forma, o binarismo de gênero continua marcado. Além disso, por serem impronunciáveis, o "x" e o "@" não são compreendidos por softwares de leitura em voz alta causando barreiras para acessibilidade.

Outra possibilidade consiste no uso do sufixo *-e* e dos sistemas pronominais ELU e ILE (de Tílio; Vieira, 2021). O sistema ELU se aproxima dos pronomes ele/ela, e propõe o uso dos pronomes: *elu, elus, delu, delus, nelu, nelus, aquelu, aquelus,* etc. Já o sistema ILE, segundo Schwindt (2020), substitui a vogal inicial "e" pelo "i" provavelmente por conta da existência de "isto" e "aquilo", que são usos neutros

encontrados na norma padrão da gramática e, assim, temos os pronomes: *ile, iles, dile, diles, minhes, tue, sue,* etc. Apesar das críticas ao uso do "x" e "@" e a sugestão de novas possibilidades, de Tílio e Vieira (2021) apontam que não há um consenso sobre qual sistema pronominal usar. O sistema "elu" tem ganhado popularidade, mas para a legendagem pode representar um problema. Por se tratar de um texto de leitura dinâmica que divide a atenção do telespectador com a imagem, ao ver a palavra "elu", que é bastante próxima dos pronomes "ele" e "ela", telespectadores podem achar que é um erro de digitação e não se darem conta da identidade não-binária da pessoa em questão. Em contrapartida, o uso do sistema "ile", que é menos difundido, pode causar estranhamento e interromper o fluxo de leitura das legendas.

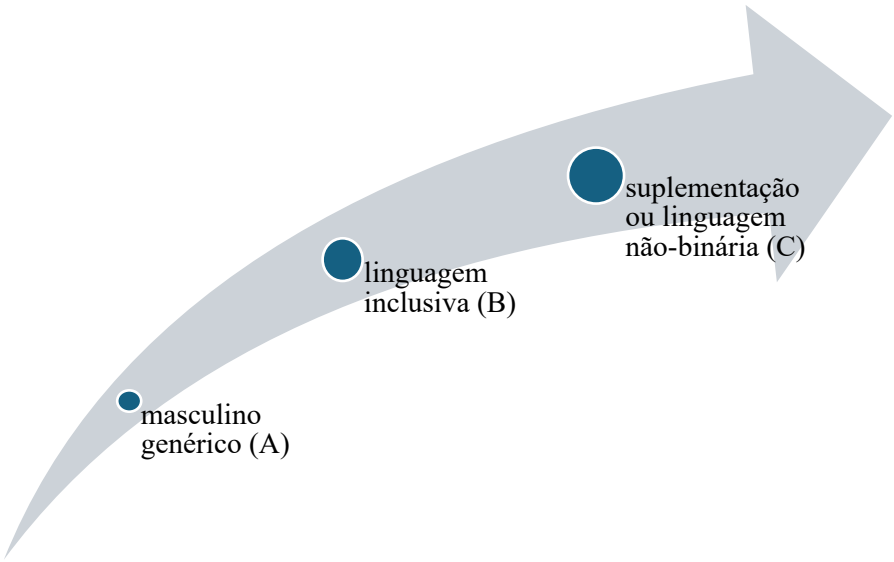
Uma proposta de sistema de linguagem não-binária que tem vindo a ganhar cada vez maior adesão e já mencionada aqui anteriormente consiste na substituição dos marcadores de gênero "o/a" pela vogal "e" ao final de adjetivos, pronomes possessivos, pronomes pessoais oblíquos, demonstrativos, numerais e artigos definidos. Desta forma, pronomes possessivos: *tu(s), tue(s), su(s), sue(s), nosse(s), vosse(s)*; pronomes pessoais oblíquos: *ne(s), le(s)*; pronomes demonstrativos: *est(s)*; numerais: *ume/dues* ou o feminino *uma*; artigos definidos: *le(s)*. As palavras *próprio(a)* e *mesmo(a)* ficam *próprie(s)* e *mesme(s)*. Palavras terminadas em co/ca ou em go/ga devem ser substituídas por que/gue, por exemplo: *psicólogue*. Terminações em r/ra mudam para e /ies, como *tradutore* e *tradutories*. Terminações em ão/ã traduzem-se por ane, como *irmane* (de Tílio; Vieira, 2021).

Por fim, uma outra abordagem mais moderada é aquela que pode ser classificada como "linguagem inclusiva". É o caso, por exemplo, do *Manual para o uso não sexista da linguagem* do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2014), que traz uma importante contribuição para a construção de uma linguagem menos sexista e, portanto, mais inclusiva. A linguagem inclusiva foi pensada inicialmente como uma forma de incluir mulheres e evitar a generalização através do masculino, ou seja, um uso não sexista da língua, como proposto pelo manual. Porém, ao advogar por uma linguagem mais inclusiva e com menos marcação de gênero, esta proposta pode ser aplicada também à oposição do binarismo como um todo e servir como uma linguagem cada vez menos generificada. Uma das características marcantes desta proposta são: i) o recurso a palavras genéricas, tais como "a população" em vez de "homens", "as crianças" ou "a infância" no lugar de "os meninos", ii) o recurso a palavras abstratas, como "a assessoria" em vez de "os assessores"; iii) a substituição do nome masculino pelo verbo na terceira pessoa: em vez de "os leitores do jornal" temos "se vocês leem o jornal"; iv) a preferência pelo gerúndio em determinadas construções, como em "Se os diplomatas tivessem mais competência, a gestão seria melhor", que se torna "tendo mais competência, melhoraria a gestão diplomática"; v) a eliminação dos determinantes, por exemplo "representantes do bairro" e não "os representantes do bairro". Guerreiro (2016) argumenta, com razão, que o uso deste tipo de estratégias pode atribuir um caráter não-binário a um texto sem que seja necessário alterar a escrita das palavras nem recorrer a neologismos e a estratégias que fogem da norma culta.

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 254-274

Na análise da legendagem e dublagem da série *Heartstopper*, é nosso objetivo identificar e classificar as diferentes traduções da linguagem não-binária como uma gradação de soluções de acordo com o nível da intervenção realizada. Sendo assim, a adoção do masculino genérico, como uma estratégia invisibilizadora, estaria em um polo extremo de uma escala, enquanto o uso da linguagem não-binária estaria no polo oposto fazendo uso da técnica da suplementação. Esta seria a estratégia mais resistente à matriz cisheteronormativa, porque não só visibiliza a identidade de pessoas não-binárias, como também enfatiza o problema gerado pelo binarismo linguístico (von Flotow, 1991) através de neologismos e sistemas pensados para representar este grupo (de Tílio; Vieira, 2021). O meio termo seria a utilização da linguagem inclusiva, que respeita as identidades fora do eixo cisheteronormativo, mas encontra maneiras de não marcar o gênero dentro da norma padrão da língua. A Imagem 1, que procura ilustrar a escala de soluções possíveis, coloca o uso da norma padrão (tipicamente, o recurso ao masculino genérico) na parte inferior da seta, considerando-o como a opção mais convencional, e a suplementação encontra-se na parte superior e mais aberta da seta, pois esta seria a opção progressista ou mais desviante da norma.

Imagem 1. Traduções possíveis da linguagem não-binária



Fonte: As autoras.

Pensando nas normas de tradução de Toury ([1982] 2012), podemos argumentar que o uso do masculino genérico (A) representaria as normas que estão ficando obsoletas, o uso da linguagem inclusiva (B) seria equivalente às normas centrais e o uso de linguagem não-binária ou suplementação (C) faria parte das normas de vanguarda. É possível que as três normas (A, B e C) ocorram em concomitância e, como os serviços de *streaming* têm adotado normas progressistas (Martinez, 2024), pressupõe-se que encontraremos recorrências destas normas no *corpus*. Formulamos, então, a hipótese

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 254-274

que uma tradução *queer* da série *Heartstopper* terá uma predominância de estratégias de tipo C e de tipo B, e que evitará sistematicamente o recurso ao tipo A.

Análise da legendagem e dublagem de *Heartstopper*

Para descobrir se as traduções para legendagem e dublagem das plataformas de *streaming* resistem ou não à matriz cisheteronormativa, será realizado um estudo de caso através da observação de cenas da série *Heartstopper,* da Netflix. Trata-se de uma série contemporânea, originalmente produzida por um serviço de *streaming,* com personagens LGBTQIAPN+ como protagonistas. *Heartstopper* é uma adaptação de um quadrinho de mesmo nome que acompanha o personagem principal, Charlie Spring, um adolescente gay britânico, e as pessoas, em sua maioria, LGBTQIAPN+ que compõem o círculo social dele. Com isso em mente, analisaremos os textos legendados e dublados para observar se esse cuidado se estende à tradução produzida pela Netflix e, assim, verificar em que pontos da escala (Imagem 1) se encontram as soluções propostas pelos tradutores.

Cena 1

A primeira cena foi retirada do segundo episódio da segunda temporada, minuto 14. A personagem Elle está visitando uma escola nova e conhece uma pessoa não-binária (Quadro 1).

Quadro 1. Minuto 14 do segundo episódio da segunda temporada de *Heartstopper*

Texto fonte:	**Legendas:**	**Dublagem:**
Felix: I bet they throw really great parties here.	Eles devem fazer festas incríveis aqui.	Eu aposto que as festas aqui são todas ótimas.
Naomi: Ignore Felix. They only wanna go here for the parties.	Ignore Felix. Ile só quer saber das festas.	Ignora Felix. Elu só tá aqui pelas festas.
Student: They do throw really good parties here, just so you know.	Mas saibam que as festas arrasam mesmo.	Mas as festas aqui são boas mesmo. Só pra saberem.
Felix: See? I knew it. It's an art-school thing.	Não falei? É coisa de escola de artes.	Viu? Eu sabia. É coisa de escola de artes.

Texto fonte:	Legendas:	Dublagem:
Naomi: I'm Naomi, by the way.	Aliás, sou a Naomi.	Eu sou a Naomi, aliás.
Elle: I'm Elle.	Sou a Elle.	Eu sou a Elle.
Naomi: And this is Felix.	E ile é Felix.	E elu é Felix.

Como podemos ver no diálogo reproduzido no Quadro 1, a estratégia mais evidente neste exemplo é a adoção dos pronomes não-binários "ile", na legenda, e "elu", na dublagem. Na última fala do diálogo, o pronome demonstrativo "this" é substituído pelos pronomes pessoais do caso reto em ambas as traduções. Enquanto o sistema ELU sugere o uso de "est(s)" como substituto do pronome demonstrativo, não há em blogs, guias e produção acadêmica sobre o tema, até o presente momento, uma sugestão de pronome demonstrativo do sistema ILE. Utilizar "est é Felix" na legenda poderia ser entendido como um erro ortográfico e, na dublagem, a pronúncia ficaria muito próxima do masculino "este". Portanto, a substituição pelos pronomes pessoais, em ambos os casos, é uma estratégia que pode ser considerada um suplemento ou uso de linguagem não-binária (tipo C). Não se sabe, porém, por que motivo a legendagem adota um sistema e a dublagem adota outro. É possível que seja ou uma escolha pessoal das pessoas tradutoras ou uma determinação dos guias de estilo, aos quais não temos acesso.

Ainda nesse exemplo, encontramos mais duas estratégias mais sutis. Em "Ignore Felix", "E ile é Felix" e "E elu é Felix" há a omissão do determinante que é mantido em outros momentos, como em "Sou a Naomi" e "Sou a Elle". Essa estratégia é adotada tanto na legendagem quanto na dublagem, tratando-se de um caso de linguagem inclusiva (tipo B). Mesmo quando a tradução não se refere a Felix, é notória a preocupação com a (não) marcação de gênero, como pode ser observado no trecho "They do throw really good parties here, just so you know." em que o pronome indeterminado "they" não marcado em inglês é traduzido pela terceira pessoa na legenda ("Mas saibam que as festas arrasam mesmo.") e omitido na dublagem, em que sujeito da oração muda ("Mas as festas aqui são boas mesmo. Só pra saberem."). A linguagem inclusiva (tipo B) presente neste trecho pode ter sido escolhida pelo fato de a escola ter um corpo estudantil bastante diverso e pelo fato de, posteriormente, as mesmas pessoas que estão nessa cena participarem de uma exibição de arte organizada pela escola para estudantes da comunidade LGBTQIAPN+.

No primeiro exemplo já encontramos uma variedade de técnicas utilizadas para evitar o binarismo de gênero característico da norma padrão (tipo A), desde o suplemento que ocorre através do uso de "ile" e "elu" até as estratégias da linguagem inclusiva apontadas por Guerreiro (2016) e pelo *Manual para o uso não sexista da linguagem* do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2014).

Cena 2

Na segunda cena, retirada do episódio 3 da segunda temporada, minuto 19, Elle e Tao conversam sobre Naomi e Felix (Quadro 2). Ao contrário do que acontece no exemplo anterior, aqui percebemos uma diferença entre a legenda e a tradução para dublagem. Enquanto o texto dublado apresenta uma combinação de linguagem inclusiva e linguagem não-binária, a legenda utiliza apenas a linguagem inclusiva.

Quadro 2. Minuto 19 do terceiro episódio da segunda temporada de *Heartstopper*

Texto fonte:	**Legendas:**	**Dublagem:**
I didn't know you invited them.	Convidou o pessoal?	Você chamou outras pessoas?
Yeah. They're my friends.	Sim, temos amizade.	Sim. São meus amigues.
What?	-Quê?	O quê?
I don't understand what I did wrong tonight!	-Não entendo onde eu errei hoje.	Eu não entendo o que fiz de errado hoje!
It's like you're trying to be a completely different person.	Parece que está tentando ser outra pessoa.	Você tava tentando ser uma pessoa completamente diferente.
You're the one who is completely different.	Você que está diferente.	É você que tá completamente diferente
You've gone off with your new friends and have forgotten I exist completely	Fez novas amizades e esqueceu que eu existo.	Agora que conheceu seus novos amigues, esqueceu que eu existo.

Na legenda temos três exemplos de linguagem inclusiva (tipo B): o pronome "them" é traduzido como "pessoal", uma palavra masculina, porém generalizada e que se refere a grupos de pessoas sem distinção de gênero; e duas situações em que "friends" é traduzido pelo substantivo "amizade", estratégia que *Manual para o uso não sexista da linguagem* do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2014) considera como o uso de abstratos. A dublagem traduz "them" como "pessoas", utilizando o substantivo feminino generalizado no plural (tipo B) e "friends" é traduzido duas vezes como "amigues", com o sufixo –e, como proposto pela linguagem não-binária (tipo C).

A escolha da linguagem inclusiva apenas na legendagem também pode se dar pela característica do meio. Dado que a legendagem consiste em uma interferência

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 254-274

na imagem e exige um processamento cognitivo maior por parte de quem assiste, a produção de legendas mais confortáveis é um fenômeno comum (Martinez, 2007). Por isso, a linguagem não-binária (tipo C) pode ter sido preterida no texto legendado por ser uma proposta fora da norma padrão (tipo A), ficando a pessoa tradutora refém de uma solução de tipo B. Tal fato reforça a constatação de Lewis (2010) de que elementos *queer* muitas vezes se perdem na tradução devido à busca por fluência. É importante ressaltar, contudo, que as identidades não-binárias foram respeitadas na legenda, mas esta não poderia ser considerada uma tradução resistente, segundo a proposta de Lewis (2010), porque para isso faz-se necessário visibilizar os elementos e identidades *queer*. Enquanto isso, na dublagem há a substituição completa do texto fonte pelo texto traduzido, sem alteração do canal oral de comunicação (Martinez, 2007) e sem exigir mais do processo cognitivo. Enquanto a legendagem se atém a estratégias dentro da norma padrão possivelmente na busca por fluência, a dublagem apresenta soluções como o uso da palavra "amigues" (tipo C), que não tem uma pronúncia distinta de seus correspondentes no feminino e masculino e pode ser usada na dublagem. O público-alvo possivelmente não terá dificuldade em entender "amigues", até mesmo aqueles que não estão familiarizados com a linguagem não-binária.

Apesar de ser perceptível o uso sistemático da linguagem inclusiva na legendagem desta cena, enquanto a dublagem apresenta estratégias mais resistentes, não é possível afirmar se estas foram escolhas das pessoas tradutoras ou se há recomendações da plataforma de recorrer à norma padrão sempre que possível, devido à falta de acesso às diretrizes que se referem a estes aspectos da linguagem.

Cena 3

A terceira cena, retirada da primeira temporada, episódio 2, minuto 20:50 (Quadro 3), foi escolhida porque o próprio roteiro da série brinca com a questão da marcação de gênero em diferentes línguas, apesar de não abordar o tratamento de pessoas não-binárias. As personagens Elle, Tara e Darcy estão na aula de francês e precisam fazer perguntas umas às outras. A marcação de gênero e a proximidade das palavras "petit ami" e "petite amie" em francês, "namorado" e "namorada", respectivamente, leva Elle a entender que Darcy tem uma namorada e ela acredita ser por um erro de pronúncia. Posteriormente, ela descobre que Tara e Darcy são um casal.

Quadro 3. Minuto 20:50 do segundo episódio da primeira temporada de *Heartstopper*

Texto fonte:	**Legendas:**	**Dublagem:**
Teacher: We still have fifteen minutes.	Ainda temos 15 minutos	Ainda temos 15 minutos
To practice talking about friends and family.	pra treinar falar sobre amigos e familiares.	pra praticar conversas sobre amigos e família.
Everyone get into pairs.	Formem duplas.	Todo mundo em dupla.
Elle: Can we be a group of three?	Podemos ser um grupo de três?	A gente pode ser um grupo de três?
Tara: Oh, my God, yes, please. Darcy's pronunciation is horrendous.	Meu Deus! Sim, por favor. A pronúncia da Darcy é horrenda.	Ai, amiga, sim. Por favor. A pronúncia da Darcy é terrível.
Darcy: Je suis très bien en Français.	[sem legenda]	[falando francês]
Tara: See?	Viu?	Viu?
Tara: Darcy, vous avez un petit ami? [in French] Do you have a boyfriend?	Certo. Darcy... Você tem namorado?	Tá, Darcy... Vous avez un petit ami?
Darcy: Oui, j'ai une petite amie. [in French] Yes, I have a girlfriend.	Sim, tenho namorada.	Oui, j'ai une petite amie.
Elle: I think saying "une" makes it feminine, so you'd be saying you have a girlfriend.	Acho que "une" é feminino. Está dizendo que tem namorada.	Eu acho que "une" é feminino. Então, tá falando que tem namorada.
Darcy: Oh, whoops.	[sem legenda]	Hm, ops.

Percebemos na fala da professora, a tradução de "friends" para "amigos" no masculino considerado neutro pela norma padrão (tipo A), o que nos leva a crer que a adoção de estratégias de não marcação de gênero se restringe a contextos em que temos pessoas não-binárias. Uma tradução ainda mais resistente e que busca salientar e criticar o aspecto cis-heteronormativo da língua portuguesa, recorreria ao uso sistemático do suplemento para palavras não marcadas no texto fonte, mesmo que não se refiram a pessoas não-binárias. Além disso, como na dublagem temos a substituição total do texto, o jogo de palavras do francês é mantido sem nenhum problema. Na legendagem, no entanto, encontra-se um desafio. O guia de estilo determina que

ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 254-274

diálogos em língua estrangeira devem ser traduzidos desde que precisem ser entendidos pelo público. Então, o trecho que gera ambiguidade deve ser traduzido, mas a última fala "Acho que 'une' é feminino." é complicada porque o elemento "une" está presente apenas no texto oral. Como o guia permite o uso de palavras estrangeiras desde que estejam em itálico, seria possível combinar esse empréstimo com a linguagem inclusiva em uma legenda como "sim, tenho *une* pessoa." (tipo B) e, posteriormente, retomar o determinante sinalizando que é feminino. Apesar da ambiguidade ter se perdido porque "namorado" e "namorada" não são palavras com a pronúncia tão próxima como "petit ami" e "petite amie", a legenda mantém a personagem lésbica afirmando que tem uma namorada e não apaga essa identidade.

Cena 4

Ao longo da terceira temporada, acompanhamos Darcy, que no início da série se identifica como uma menina, se entendendo e por fim se assumindo como uma pessoa não-binária. Na série de quadrinhos essa jornada não acontece e é possível que essa escolha narrativa tenha se inspirado por Kizzy Edgel, que interpreta Darcy e usa os pronomes "they/them" ou pronomes masculinos. Na cena a seguir, o grupo está gravando um vídeo para Charlie e Darcy conta para o amigo sobre estar experimentando os pronomes "they/them".

Quadro 4. Minuto 24:30 do quarto episódio da terceira temporada de *Heartstopper*

Texto fonte:	**Legendas:**	**Dublagem:**
Wait, I want to talk to Charlie.	Espera, quero falar com o Charlie.	Pera aí, eu quero falar com o Charlie. Eu quero falar com ele.
Hi, Charlie, I just want to let you know that I'm trying out "they/them" pronouns	Oi, Charlie. Só queria te contar que tô experimentando os pronomes ile/dile.	Oi, Charlie. Eu só queria que você soubesse que eu tô experimentando os pronomes neutros.

Na legenda, mais uma vez, vemos que se recorre à técnica do suplemento fazendo uso do sistema pronominal "ile" (tipo C). A dublagem, no entanto, diz "pronomes neutros". Essa escolha pode gerar interpretações diversas porque Darcy explicita os pronomes que escolheu e há mais de um sistema de pronomes neutros em uso. No inglês, o sistema "they/them" é o mais popular, mas há outras possibilidades e o mesmo acontece no português. Segundo de Tílio e Vieira (2021), essa diversidade reflete a complexidade das identidades e a busca por formas de representação adequadas, mas também dificulta a padronização na escolha dos sistemas. Apesar de não ser possível

afirmar com certeza por falta de acesso aos manuais, argumentamos que o uso do sistema "ile" na legenda do Quadro 4 pode ser devido ao seu maior distanciamento escrito dos pronomes generificados "ele/ela" para assim evitar a interpretação de que essa escolha seria um erro ortográfico. No caso da dublagem, outros exemplos já demonstraram o uso do sistema "elu" e, como o texto fonte usa o sistema de pronomes não-binários mais difundido em inglês, o mesmo poderia ter sido feito na legenda. É possível que a tradução para dublagem tenha recorrido à expressão "pronomes neutros" sem especificar quais, por não achar necessário e acreditar que o telespectador vai entender qual sistema adotar ou essa generalização pode ser consequência do desconhecimento da existência de mais de um sistema de pronomes neutros. Sendo assim, a pessoa tradutora não vê necessidade de especificar quais pronomes por não saber que é possível usar diferentes opções.

Cena 5

Na cena a seguir, Tara e Darcy estão conversando depois de Darcy começar a usar pronomes não-binários. No texto fonte, Tara fala "you're so ridiculous" utilizando um adjetivo desprovido de marcação de gênero. Tanto a legenda quanto a dublagem recorrem à substituição do pronome "you" pelo demonstrativo "isso", desta forma, o adjetivo "ridículo" passa a se referir à situação e não diretamente a Darcy. A estratégia de substituição do demonstrativo (tipo B) evita o uso do sufixo –e no adjetivo "ridicule", alternativa que seria desviante da norma culta do português (tipo A).

Quadro 5. Minuto 17:44 do sétimo episódio da terceira temporada de *Heartstopper*

Texto fonte:	**Legendas:**	**Dublagem:**
You always look so happy when you're dancing.	Sempre parece feliz dançando.	Você fica tão feliz quando dança.
You're so ridiculous.	Isso é ridículo.	Isso é ridículo.

Encontramos, portanto, neste exemplo uma correspondência entre a solução apresentada na legendagem e na dublagem.

Conclusão

Neste artigo, partimos da constatação de que existe ainda bastante preconceito na sociedade em relação às identidades LGBTQIAPN+ e ao emprego de uma linguagem que inclua essas mesmas identidades, pois tal inclusão configura um desvio da norma

padrão do português brasileiro. Com base nessa constatação, formulamos a hipótese de que a probabilidade de referências LGBTQIAPN+ serem invisibilizadas na TAV, um tipo de tradução que é muito relevante no dia a dia das pessoas e que veicula importantes conteúdos socioculturais, é elevada ainda por outros motivos: a busca por fluência no fazer tradutório, o olhar desatento da pessoa tradutora, os interesses dos agentes de patronagem, a adesão automatizada e inconsciente à matriz cisheteronormativa, etc. Uma tradução *queer*, como advogada por Lewis (2010) e Pinheiro (2021), seria aquela que visibiliza identidades de gênero e orientações sexuais que desafiam a matriz cisheteronormativa em detrimento da fluência textual. Em consonância com as referidas autoras, acreditamos que é importante que a tradução destas obras esteja alinhada a uma perspectiva linguística *queer* não somente para que pessoas da comunidade LGBTQNIAP+ se vejam representadas, mas também para expor o público geral a identidades além da cis-heteronormatividade.

O presente trabalho teve como objetivo descobrir se a legendagem e dublagem de *Heartstopper* é ou não uma tradução *queer*, resistente à matriz cisheteronormativa. Para tal, realizamos um pequeno levantamento de cenas que fazem uso de linguagem não-binária em língua inglesa e analisamos se os diálogos eram traduzidos com recurso à norma padrão, à linguagem inclusiva ou à linguagem não binária. Nos exemplos de linguagem não-binária em língua inglesa selecionados, identificamos somente dois casos de tradução aderindo à norma padrão (tipo A), nove casos de tradução com recurso à linguagem inclusiva (tipo B) e cinco casos com recurso a suplementos ou linguagem não-binária (tipo C). Ainda que pareça existir uma preferência pelo tipo C na dublagem, a diferença de ocorrências entre legendagem e dublagem no nosso *corpus* de pesquisa não foi expressiva.

De um modo geral, foi possível observar que as referências LGBTQIAPN+ não são apagadas e/ou transformadas em referências cisheteronormativas, mesmo quando desafiam a fluência e exigem o uso de um sistema pronominal ainda não reconhecido pela norma padrão. Porém, em dois casos, verificamos que as identidades LGBTQIAPN+ não são visibilizadas, possivelmente devido à tentativa de produzir legendas mais fluentes por meio do uso da linguagem inclusiva, mais familiar ao público — como observado na cena 2.

Outra conclusão que podemos retirar da pesquisa é que a linguagem inclusiva e a linguagem não-binária são empregadas apenas quando o texto fonte faz referência direta às pessoas não-binárias. Uma abordagem ainda mais resistente e engajada poderia fazer uso sistemático da linguagem não-binária, até mesmo para traduzir a linguagem que, a partida, é binária. Um exemplo é a tradução do especial de stand-up *Seiva* realizado por Mae Martin, uma pessoa não-binária. Aqui as legendas da Netflix usam recorrentemente o sistema pronominal –ile e o sufixo –e para se referir a pessoas não-binárias e a pessoas cujo gênero não é informado, bem como para traduzir palavras que não são generificadas em inglês. É possível que esse exemplo de tradução *queer* mais engajada tenha sido viabilizado porque o público do stand-up é mais restrito, quando comparado com o público da série aqui analisada. Um indício de que o público-alvo de *Seiva* não é tão abrangente quanto o de *Heartstopper* é o

fato de o especial de comédia ter sido apenas legendado e não dublado para outros idiomas, pois a dublagem é um recurso da tradução audiovisual geralmente utilizado para alcançar públicos mais amplos.

Quinze anos após a publicação de Lewis (2010), podemos afirmar que há sim um uso efetivo das técnicas de tradução *queer* neste *corpus* e que não há apagamento de identidades LGBTQIAPN+. Todavia, se considerarmos a definição que a autora propõe de "tradução resistente", acreditamos que ainda há a necessidade de ampliar o uso das técnicas e que é possível realizar uma tradução com algum nível de resistência à matriz cisheteronormativa sem produzir uma tradução antinormativa que gera sanções para profissionais. Devido à falta de acesso aos materiais específicos sobre linguagem inclusiva e não-binária disponibilizados pela plataforma, não nos é possível afirmar até que ponto essas práticas são determinadas pelas diretrizes do guia de estilo ou pelas escolhas pessoais dos profissionais.

Embora não possamos identificar o quanto as traduções aqui observadas são ditadas pela plataforma devido à falta de acesso aos guias que se referem a linguagem inclusiva, as traduções deste *corpus* foram aprovadas e veiculadas mesmo adotando estratégias resistentes à matriz cis-heteronormativa e usos linguísticos fora da norma padrão. Então, elas podem, sim, ser consideradas traduções *queer*. O fato de as legendas e traduções para dublagem aqui analisadas terem sido revisadas e estarem disponíveis na plataforma, corrobora o apontamento de Martinez (2024) de que normas de tradução das plataformas de *streaming* estão em posição de vanguarda. Com este corpus especificamente, entendemos que há um avanço na recepção de traduções que utilizam de estratégias não normativas para representar a comunidade LGBTQIAPN+ e, em desdobramentos futuros da pesquisa, será possível pensar como esses desenvolvimentos podem impactar a elaboração de políticas linguísticas mais inclusivas e a formação de profissionais de tradução.

Outro aspecto não considerado pelas diretrizes às quais temos acesso é o caráter intersemiótico, que representa um aspecto central da TAV, e que influencia diretamente o processo de tradução. Até o presente momento, esta pesquisa de natureza exploratória focou na tradução queer enquanto prática discursiva e suas implicações nas escolhas tradutórias a nível linguístico. Em etapas seguintes, nos debruçaremos sobre os aspectos intersemióticos do corpus e sua influência na tradução queer.

Por fim, entendemos que esta pesquisa contribui para os Estudos Queer da Tradução (Baer 2021), uma área ainda incipiente no Brasil, ao analisar práticas contemporâneas de tradução queer no campo audiovisual, bem como ao refletir sobre o uso e recepção da linguagem não-binária. Apesar de se tratar de um sistema que desafia a norma padrão do português e que ainda enfrenta resistência por parte da sociedade, constatamos aqui que a linguagem não-binária é adotada de forma recorrente em uma série de grande alcance distribuída pela maior plataforma de streaming atualmente disponível. É um fato promissor.

Referências bibliográficas

BAER, Brian James. *Queer Theory and Translation Studies: language, politics, desire*. New York; London: Routledge, 2021.

BAER, Brian James & KAINDL, Klaus (Eds.). *Queering Translation, Translating the Queer:* Theory, Practice, Activism. New York; London: Routledge, 2020.

CAMPOS, Giovana Cordeiro. Streaming, Estudos da Tradução e Tradução Audiovisual: reflexões sobre a tradução para legendagem. In LEMOS, Glauber de Souza. & REZENDE, Patrick. *Práticas e investigações nos estudos da tradução*: *tecnologias, multimodalidade, discurso e semântica*. Pedro e João Editores; ABRALIN, 2022, p.45-72. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/praticas-e-investigacoes-nos-estudos-da-traducao-tecnologias-multimodalidade-discurso-e-semantica/

CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. *TradTerm*, São Paulo, vol. 29, jul. 2017, p. 216-250.

De TILIO, Rafael & VIEIRA, Mariana de Paiva Pelet. Sistemas de linguagens não-binárias em gênero e sexualidade. *Revista DisSoL - Discurso, Sociedade e Linguagem*, vol. 13, 2021, p. 42-54. Disponível em: https://doi.org/10.35501/dissol.vi13.835. Acesso em: 30 jan. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Políticas Para as Mulheres. *Manual para uso não sexista da linguagem*. Porto Alegre: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014. Disponível em: https://narrativas.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Manual-para-uso-n%C3%A3o-sexista-da-linguagem.pdf Acesso em: 30 de janeiro de 2025. Acesso em: 30 jan. 2025.

LARKOSH, Christopher. James S. Holmes, estudos da tradução e a ética queer da primeira pessoa. Tradução de André Luís Leite de Menezes Berndt. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, vol. 42, 2022 p. 1-28. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e82726. Acesso em: 19 de set. 2024.

LAU, Heliton Diego. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias: a voz 'del@s' ou 'delxs'? Não! A voz 'delus'!. In: Anais do V Simpósio Internacional em Educação Sexual: saberes/trans/versais currículos identitários e pluridades de gênero. Maringá, 2017. Disponível em: https://eventos.idvn.com.br/sies2017/trabalhos/3112/o-uso-da-linguagem-neutra-como-visibilidade-e-inclusao-para-pessoas-trans-nao-binarias-na-langua-portuguesa-a-voz-adelsa-ou-adelxsa-nao-a-voz-adelusa Acesso em: 30 de janeiro de 2025.

LEWIS, Elizabeth Sara. “This is My Girlfriend Linda” Translating Queer Relationships in Film: A Case Study of Subtitles for Gia and a Proposal for Developing the Field of Queer Translation Studies. *The journal for Literary Translators*, n. 36, 2010.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. London, NY: Routledge, [1992] 2017.

LYN, Euros. *The Making of Heartstopper*. [Vídeo]. Youtube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IgORMB3_zEk&t=81s. Acesso em: 7 jul. 2024.

MARTINEZ, Sabrina. *Tradução para Legendas: uma proposta para a formação de profissionais*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=10689@1, Acesso em: 30 de janeiro de 2025.

MARTINEZ, Sabrina. Palavrões e turpilóquios à vontade: os serviços de streaming e a atualização das normas de tradução para legendagem. *Cadernos De Tradução*, vol. 44, n. 2, 2024, p. 1–14. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2024.e99146. Acesso em: 30 jan. 2025.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Português no século XXI*: *cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 18-31.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada Indisciplinar com base em uma ideologia linguística responsiva às teorizações queer. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar*: *gênero, sexualidade, raça e classe*. São Paulo: Parábola Editorial, 2022. p. 15 - 51.

NORNES, Abé Mark. For an Abusive Subtitling. *Film Quarterly*, vol. 52, n. 3, 1999, p. 17–34. https://doi.org/10.2307/1213822. Acesso em: 22 fev. 2025.

NETFLIX. *Brazilian Portuguese Timed Text Style Guide*. Netflix, 2024. https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/215600497-Portuguese-Brazil-Timed-Text-Style-Guide

NETFLIX. *Diretrizes criativas de dublagem – Brasil: Sincronia labial para live-action*. Netflix Partner Help, [s.d.]. Disponível em: https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/11598029938963-Diretrizes-Criativas-de-Dublagem-Brasil-SINCRONIA-LABIAL-PARA-LIVE-ACTION. Acesso em: 30 fev. 2025.

NETFLIX. *Princípios orientadores de excelência criativa em dublagem – Brasil*. Netflix Partner Help Center, [s.d.]. Disponível em: https://partnerhelp.netflixstudios.com/hc/en-us/articles/11597761358355-Princ%C3%ADpios-Orientadores-de-Excel%C3%AAncia-Criativa-em-Dublagem-Brasil. Acesso em: 30 fev. 2025.

PAPADIMOULIS, Dimitrios. *Gender-neutral Language in the European Parliament*. Brussels: European Parliament, 2018.

PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis. Audiovisual Translation. In: BAKER, Mona & SALDANHA, Gabriela (eds.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2. ed. London;New York: Routledge, 2009. p. 13-21.

PINHEIRO, Felipe Duarte. Tradução Queer: visibilidade como forma de resistência. *Revista Fórum Identidades*, vol. 34, n. 1, 2021, p. 207-221.

PIRES, Gustavo Matheus. A representação de identidades dissidentes na série de TV *Pose*: o socioleto queer nas legendas para o português. 2022. Monografia (Bacharelado em Tradução). Uberlância: Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2022.

SCHWINDT, Luiz Carlos. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. *Revista da ABRALIN,* vol. 19, n. 1, 2020, p. 1–23. Disponível em: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1709/1883 Acesso em: 30 de janeiro de 2025.

TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies - and beyond***.** Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, [1984] 2012.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility.* London; New York: Routledge, 1995.

Von FLOTOW, Luise. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. *Traduction, Terminologie et Redaction*, vol. 4, n. 2, 1991, p. 69–84.

Von FLOTOW, Luise & JOSEPHY-HERNÁNDEZ, Daniel E. Gender in audiovisual translation studies: advocating for gender awareness. In: PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis. *The Routledge Handbook of Audiovisual Translation*. New York: Routledge, 2019. p. 296-312.